

10. Literatura, Imaginarios, Estética y Cultura.

**A personificação de um autor: *Astronomia* ou a autoficção biográfica de Mário Cláudio**

Barili, Renan Augusto; Valentim, Jorge Vicente (orientador)

[renan.augusto.barili@gmail.com](mailto:renan.augusto.barili@gmail.com); [jvalentim@gmail.com](mailto:jvalentim@gmail.com)

Universidade Federal de São Carlos - UFSCar

---

**Resumo**

Pretendemos, por meio deste trabalho, analisar o romance *Astronomia*, de Mário Cláudio, após categorizá-lo como uma “autoficção”, termo postulado por Serge Doubrovsky (1977) e que, posteriormente, foi aprofundado e desenvolvido por outros ensaístas, como Vincent Colonna, que subdividiu esse conceito em quatro diferentes gêneros literários, sendo, um deles, a “autoficção biográfica”, ao qual julgamos coincidir veementemente com a trama mencionada. Nessa categoria, o autor “fabula sua existência a partir de dados reais” (Colonna, 2014, p.44), ou seja, elabora uma ficção utilizando a sua biografia pessoal como pano de fundo. No caso específico de *Astronomia*, o escritor português se personificou e dividiu a sua história de vida em três intrigantes fases: “Nebulosa”, que narra a sua infância; “Galáxia”, que detalha a sua adolescência e fase adulta; e “Cosmos”, que relata a velhice, sua atual conjuntura. A partir da análise proposta, intentamos dar mais ênfase aos estudos sobre o conceito de autoficção, uma vez que ele ainda está vinculado ao seu correlato autobiografia, surgindo diversas problemáticas, como a não segmentação dos pactos literários (*pacto autobiográfico*, *pacto ficcional* e *pacto oximórico*) e, sobretudo, a respeito das consequências legais direcionadas aos autores, já que o gênero autobiográfico clássico possuiria um compromisso com a verdade, enquanto a autoficção não. Lançada em 2015, *Astronomia* tem chamado a atenção da crítica literária, tendo sido galardoada, em 2017, com dois importantes prêmios em Portugal (o Prémio D. Diniz e o Grande Prémio de Literatura dst), se tornando uma das mais comentadas obras da atualidade.

**Palavras-chave:** Mário Cláudio, *Astronomia*, autoficção biográfica.

## Introdução

*Astronomia*, de Mário Cláudio, publicada em 2015, se tornou uma obra referencial em Portugal (e, por que não dizer, nos demais países de língua portuguesa?), após ter sido galardoada com dois importantes prêmios em 2017: em abril, o livro venceu por unanimidade o Prêmio D. Diniz, da Fundação da Casa Mateus; e em julho, também por total concordância entre os avaliadores, conquistou o Grande Prêmio de Literatura DST, atribuído pela empresa Domingos da Silva Teixeira. Também vale destacar que, em 2016, a obra foi referenciada pelo júri do Prêmio Estoril Sol/Fernando Namora como um romance de muito apreço, apesar de não ter recebido o prêmio.

Devido à sua consagração e atual relevância, *Astronomia* constitui um daqueles textos que exige discussões urgentes em virtude da pouca existência de trabalhos tanto sobre a obra, quanto sobre o viés analítico aqui proposto. Assim, como os demais títulos do escritor português, o livro em questão permite ser estudado por caminhos diferentes, graças às particularidades submergidas, nas suas entrelinhas ou pelo modelo estrutural de como foi elaborado e desenvolvido. Contudo, analisaremos a obra partindo de sua inserção na categoria genológica das *autoficções biográficas*, viés esse que acreditamos se constituir como uma ferramenta funcional para a análise

proposta, justamente por serem encontradas, na essência da trama, características que fazem com que ela não se assemelhe a um texto integralmente autobiográfico e tão somente ficcional, mas sim um híbrido entre esses dois.

Dessa forma, analisaremos determinados aspectos do romance *Astronomia* a partir da perspectiva da autoficção biográfica, justamente por cremos que esse desdobramento do amplo gênero “autoficção” compactua com as principais marcas estéticas e textuais da obra, tais como os elementos e os dados supostamente biográficos descritos pela ótica ficcional, a integração de elementos do indizível como parte da realidade e da vivência das personagens, a rememoração de discursos e lembranças muito remotas com total precisão e clareza, além de um dos elementos-chave pertencente a essa categoria: a inserção de fotografias como tentativa de validação desse processo memorialístico, qual agrega uma maior verossimilhança e veracidade ao enredo.

Além do mais, devemos nos atentar, também, às discussões em torno do desenvolvimento do *pacto oximórico* entre as estâncias narrativas, qual parece explicitamente nesse tipo de texto, justamente por nele existir uma consubstanciação entre elementos biográficos e ficcionais, problemática que

se tornará mais compreensível ao desmembrarmos o texto e, ao final, demonstrarmos as razões da impossibilidade de ocorrência de outros tipos de pactos literários, como o autobiográfico e o romanesco.

### Objetivos

Antes de iniciar a discussão e, assim, esclarecermos os nossos objetivos, acreditamos ser pertinente levantar a seguinte problemática: por que não utilizar o conceito da “autobiografia” para analisar o romance, aqui, agenciado? Pois bem, ainda que existam estudos sobre outras possíveis categorizações de *Astronomia*, é impensável não assumir a existência de uma hibridização entre os gêneros biográficos e ficcionais, tornando o conteúdo da trama uma visível autoficção, em que Mário Cláudio biografava a sua própria existência através do uso da ficção. Se o próprio escritor classifica a obra como um “romance”, não seria um equívoco excluir todos os aspectos ficcionais e focalizar unicamente nas incidências biográficas?

Para nos situarmos, o conceito escolhido como ferramenta de análise, “autoficção” (*autofiction*), tem origem francesa e foi cunhado por Serge Doubrovsky, tendo sido escrito como uma reação aos trabalhos publicados por Philippe Lejeune (nome que se destaca quando a temática abarca o gênero “autobiografia”),

pretendendo, dessa forma, “aliviar o autor do pacto autobiográfico” (Martins, 2014, p.47). A explicação desse termo – autoficção –, conforme foi articulada por Doubrovsky na capa de seu romance *Fils* (1977), contrapõe as principais características da autobiografia, além de definir, brevemente, algumas de suas principais marcas, inaugurando, dessa forma, essa novíssima e revolucionária categoria. Nas palavras de Doubrovsky:

Autobiographie? Non, c'est un privilège réservé aux importants de ce monde, au soir de leur vie, et dans un beau style. Fiction, d'événements et de faits strictement réels; si l'on veut, *autofiction*, d'avoir confié le langage d'une aventure à l'aventure du langage, hors sagesse et hors syntaxe du roman, traditionnel ou nouveau. Rencontres,  *fils* des mots, allitérations, assonances, dissonances, écriture d'avant ou d'après littérature, *concrète*, comme on dit musique. Ou encore, autofricción, patiemment onaniste, qui espère faire maintenant partager son plaisir. (Doubrovsky, 1977)

Apenas com o começo dessa explicação – “Autobiographie? Non, c'est un privilège réservé aux importants de ce monde, au soir de leur vie, et dans un beau style” (Autobiografia? Não, isso é um privilégio reservado aos importantes desse mundo, ao fim de suas vidas, e, em bonito estilo) –, podemos pensar nas diferenças básicas existentes entre um termo e outro. Se a

escrita de cunho autobiográfico diz respeito a uma categoria reservada e destinada às grandes personalidades contarem as suas histórias, concluimos, então, que o movimento de sua escrita é da VIDA para o TEXTO, sendo esse o seu ponto de partida, pois, caso não exista uma trajetória intrigante que mereça ser contada/lida, logo não ocorre o seu registo biográfico. O oposto acontece com a confecção de uma autoficção, pois percebemos uma mobilidade do TEXTO para a VIDA, visto que o que se sobressai são os aspectos ficcionais, tendo o autor a possibilidade de engrandecer os seus relatos com invenções, recontando-os a sua maneira e da forma como lhe convir.

É importante ressaltarmos que um dos questionamentos levantados pelos diferentes gêneros que utilizam a biografia em sua composição diz respeito à vasta multiplicidade de verdades existentes dentro dos discursos, seja os pessoais e particulares, como também o histórico, uma vez que escolhemos e “filtramos” as nossas falas de acordo com os nossos anseios e pretensões. Dessa forma, como podem existir, para um mesmo fato, diversas versões e realidades, a autoficção surge justamente para criticar essa “verdade una” imposta nas autobiografias.

Além disso, não podemos deixar de dar ênfase aos estudos que surgiram dos desdobramentos propostos pelos

investigadores pós-Doubrovsky, que dividiram e classificaram em diferentes subcategorias esse tipo de narrativa. Segundo o teórico argelino Vincent Colonna, há, pelo menos, quatro vertentes:

*A autoficção fantástica:* O escritor está no centro do texto como em uma autobiografia (é o herói), mas transfigura sua existência e sua identidade, em uma história irreal, indiferente à verossimilhança. O duplo ali projetado se torna um personagem fora do comum, perfeito herói de ficção, que ninguém teria a ideia de associar diretamente a uma imagem do autor (...);

*A autoficção biográfica:* O escritor continua sendo o herói de sua história, o pivô em torno do qual a matéria narrativa se ordena, mas fabula sua existência a partir de dados reais, permanece mais próximo da verossimilhança e atribui a seu texto uma verdade ao menos subjetiva ou até mais que isso. (...) Fazem de modo que o leitor compreenda que se trata de um “mentir-verdadeiro”, de uma distorção a serviço da veracidade (...);

*A autoficção especular:* Baseada em um reflexo do autor ou do livro dentro do livro, essa tendência da fabulação de si não deixa de lembrar a metáfora do espelho. O realismo do texto e sua verossimilhança se tornam, no caso, elemento secundário, e o autor não está mais necessariamente no centro do livro; ele pode ser apenas uma silhueta; o importante é que se coloque em algum canto da obra, que reflète então sua presença como se fosse um espelho. (...);

*A autoficção intrusiva:* Nessa



postura, se pudermos considera-la de fato como tal, a transformação do escritor não acontece através de um personagem, seu intérprete não pertence à intriga propriamente dita. O avatar do escritor é um recitante, um contador ou comentador, enfim um “narrador-autor” à margem da intriga. (Colonna, 2014, p.39-56)

Outros estudos importantes para desvencilharmos a autoficção de outros gêneros biográficos, como a autobiografia, foram esboçados pela pesquisadora brasileira Anna Faedrich Martins em sua Tese de Doutorado (2014). Um dos pontos mais significativos é a passagem em que a estudiosa pontua algumas propriedades que podem ser, geralmente, direcionadas ao texto autoficcional, mas que não são características presentes nessa categoria. Segundo ela,

A autoficção não é um relato retrospectivo como a autobiografia pretende ser. Pelo contrário, ela é a escrita do tempo presente, que engaja diretamente o leitor nas obsessões históricas do autor. (...); A autoficção não é meramente uma recapitulação da história do autor. O texto deve ser lido como romance, mesmo que exista a identidade onomástica entre autor, narrador e personagem principal. (...); Também o movimento da autobiografia é da VIDA para o TEXTO, enquanto o da autoficção é do TEXTO, da literatura, para a VIDA. Isso, quer dizer que, na autobiografia, o narrador-protagonista é, geralmente, alguém famoso, “digno de uma autobiografia” (atores, músicos,

políticos, jogadores de futebol, etc). E, justamente, por ser uma celebridade, desperta interesse e curiosidade no público-leitor. (...) O movimento da autoficção é outro (e essa distinção é fundamental para entendermos a autoficção). Um bom escritor pode chamar a atenção para a sua biografia através do texto ficcional, entretanto, é o texto literário que se destaca em primeiro plano. (...); Na autoficção, o autor não escreve sobre a sua vida, seguindo, necessariamente, uma linha cronológica. Em contraponto com a autobiografia tradicional, a autoficção também não tenta dar conta de toda a história de vida e uma personalidade. A escrita autoficcional parte do fragmento, não exige início-meio-fim nem linearidade do discurso: o autor tem a liberdade para escrever, criar e recriar sobre um episódio ou uma experiência de sua vida. (...); A autoficção não é necessariamente uma narração em prosa, como Lejeune caracteriza a forma da autobiografia. Na autoficção, é possível misturar os gêneros, modificar a forma, ousar, experimentar, escrever um texto de estrutura híbrida. (Martins, 2014, p.22-25)

Posto isto, torna-se visível a forma como a autoficção chega como uma resposta de superação de seu correlato, já que parece ser muito mais cabível para suprir as demandas e as necessidades de nossa contemporaneidade, contemplando novos fatores e erradicando, de uma vez por todas, o contrato com a fidedignidade que o autor deve possuir para relatar as suas vivências.

Ora, levando em consideração estas discussões, propomos, como o título deste trabalho enseja, uma leitura de *Astronomia*, de Mário Cláudio, enquanto um projeto efabulador na esteira da autoficção biográfica, em virtude da trama ter sido desenvolvida a partir de dados supostamente reais da vida do escritor, bem como as suas possíveis validações através de detalhes biográficos já conhecidos pelos seus leitores e de fotografias. A respeito da inserção dessas imagens dentro de textos semelhantes ao nosso objeto de estudos, o teórico Bruno Lima afirma que:

É, portanto, um fato real que dá suporte para a criação do romance. A esse primeiro fato verídico somam-se outros, autobiográficos ou não (...) e a inclusão de fotografias no interior do romance. Desse modo, fica mais confuso o limite que se deve estabelecer entre ficção e realidade. (...) As fotografias servem como a ratificação da existência real dos personagens, agora pertencentes também à ficção. (Lima, 2015, p.60)

Dessa forma, a partir da análise de determinados aspectos de *Astronomia* sob o viés da autoficção biográfica, pretendemos, também, distinguir e, assim, destacar a diferença existente entre o *pacto autobiográfico* (ou *pacto lejeuniano*), o *pacto ficcional* (ou *pacto romanesco*) e o *pacto oximórico*, sendo, esse último, o recorrente nos textos semelhantes ao

romance em questão. Ora, se no *pacto autobiográfico* é imposta uma concepção de contrato de leitura que deve ocorrer entre o autor e o leitor, logo deduzimos que, através de sua ocorrência, devemos aceitar o conteúdo disponibilizado no texto como “verdade do indivíduo”, pois o mesmo é responsável pelas afirmações e pelos acontecimentos descritos, sendo verdade ou não, ele terá que justificar as suas alegações, comportamento antagônico ao que encontramos dentro do campo da ficção, já que o *pacto ficcional* indica que a trama narrada deve ser compreendida como verídica apenas dentro daquele plano, ou seja, o romanesco, sendo irreal fora dele. Pois bem, se um pacto exige certo compromisso com a verdade entre o autor e o seu texto e, o outro, livra o mesmo desse acordo com a fidelidade aos fatos, de qual forma o *pacto oximórico*, oriundo da hibridização entre esses outros dois, acontece em textos que dialogam entre histórias verídicas e ficcionais, tal como no romance *Astronomia*?

Em vista disso, enquanto ocorrem os já explanados pactos entre as duas categorias à sua volta, o que encontramos na autoficção é a incidência de um *pacto oximórico*, uma vez que não distinguimos mais as marcas de verdade e de ficcionalidade, rompendo, dessa forma, com os princípios de veracidade (*pacto autobiográfico*) e de invenção (*pacto*

*ficcional*) e resultando numa convenção híbrida e ambígua.

Assim sendo, julgamos que o conceito de autoficção biográfica se constitui como uma ferramenta funcional para a análise do romance *Astronomia*, em razão da existência de uma fusão entre as concepções de veracidade e de invenção, originando um texto ambíguo que utiliza dados e fatos possivelmente verídicos, mas também a ficção em sua composição. Com base na reflexão apresentada, objetivamos discutir a brilhante e premiada biografia ficcionalizada do escritor português como uma síntese de gênero que não permite ser categorizado como uma autobiografia e nem como um romance, mas como um híbrido encontrado no espaço entre eles, além de, também, demonstrarmos como é estabelecido o *pacto oximórico* neste tipo de texto.

### **Materiais e Métodos**

Partiremos dos estudos sobre a autoficção, firmado por Serge Doubrovsky em 1977, e, também, utilizaremos outras importantes discussões sobre esse viés, como as realizadas pelo teórico Vincent Colonna, em seu texto *Tipologia da autoficção*, as findadas por Philippe Vilain, em *A prova do referencial*, ambos encontrados na coletânea *Ensaio sobre a autoficção* (2014), organizada pela ensaísta Jovita Maria Gerheim Noronha,

além da obra *Eu: itinerário para a autoficção* (2015), de Bruno Lima, e da brilhante e referencial Tese de Doutorado (2014) de Anna Faedrich Martins. Todos os escritos citados são essenciais e básicos para se compreender a complexidade e a amplitude do gênero autoficção, uma vez que dentro do mesmo existem diferentes estilos e propostas, ocasionando, ainda, dúvidas e sérios debates sobre a relevância dessa categoria dentro da crítica literária.

Pois bem, não podemos deixar de mencionar que todos os títulos anteriores atendem aos nossos objetivos e se constituem como um forte arcabouço teórico, auxiliando no desenvolvimento e nas respostas das questões que serão apresentadas durante o trabalho, problemáticas essas que citamos anteriormente e que estão diretamente atreladas ao romance que analisaremos, *Astronomia* (2015), do escritor português contemporâneo Mário Cláudio, um dos principais e mais notórios nomes da cena artístico-literária de Portugal e de outros países de língua portuguesa.

### **Resultados e Discussão**

Dentre as muitas formas de narrar o “eu” e o “outro” e, assim, relatar e transcorrer a vida da entidade biografada, há diferentes vertentes e caminhos estéticos para se consumir essa proposta, seja através do texto biográfico mais convencional,

quando o objeto de inspiração para a escrita é uma terceira *persona*, colocando o escritor na posição de “fio condutor” entre os relatos pessoais e a escrita (as famosas biografias *post-mortem* de celebridades, por exemplo); da “autobiografia”, em que o autor utiliza a sua própria existência como aspiração para compor e tecer uma obra, ou seja, ele se autobiografa; e da “autoficção”, categoria ainda não muito compreendida, que indica a condição de um romancista ao utilizar a matéria ficcional para efabular e transcrever a sua própria história, autopersonificando-se na personagem central da trama.

Diante disso, julgamos que *Astronomia* consiste ser um importante exemplo de obra com temática autoficcional, uma vez que nela encontramos a história de vida do escritor português Mário Cláudio em forma de romance, tendo sido utilizados, assim como visualizamos com a sua leitura, diversos mecanismos ficcionais para detalhar dados e acontecimentos reais, como o uso de artefatos fantasiosos e improváveis de existirem dentro do plano biográfico tradicional.

Dessa forma, partindo do fato de que o nosso objeto de estudo permite ser categorizado como uma autoficção biográfica, intentaremos discutir e analisá-lo a partir dos estudos pioneiros de Serge Doubrovsky (1977), esses que serviram como ponto de partida para outros críticos

contemporâneos levantarem novos debates, quais parecem coincidir veementemente com a nossa proposta de trabalho, como as problemáticas que envolvem os gêneros biográficos, o grau de veracidade atribuído a um texto e a outro e os seus consecutivos pactos literários.

Sendo assim, esperamos que o nosso trabalho proporcione uma maior visibilidade e novas discussões sobre textos de teor autoficcional e que, dessa forma, contribua com pesquisas e estudos sobre esse gênero que ainda é tão desprivilegiado e mal interpretado pela crítica. A partir de um debate e de um trabalho que esclareça e especifique a fórmula e os intuitos das autoficções biográficas, pretendemos fazer com que essa tipologia textual não seja mais atrelada e confundida com o seu correlato “autobiografia”, uma vez que ambos são gêneros distintos e que possuem estruturas e objetivos díspares e destoantes.

### Conclusões

Podemos afirmar que Mário Cláudio realizou duas importantes e diferentes ocupações durante a escrita de *Astronomia*: a tarefa de um biógrafo e de um romancista. No primeiro caso, foi preciso rememorar a sua longa trajetória e selecionar os acontecimentos e os principais pontos de sua vida, justamente



aqueles que não poderiam passar despercebidos, uma vez que os mesmos são responsáveis por compor e formar a entidade qual hoje a conhecemos.

Contudo, Mário Cláudio não quis, simplesmente, transcrever a sua história de forma pontual e expositiva, mas utilizá-la na escrita de um texto que fosse muito mais impactante e trouxesse maiores debates e acréscimos à cena literária. E foi exatamente isso que se sucedeu, em menos de dois anos, a obra se torna referencial, sendo galardoada com diferentes prêmios. Tal *boom* está estritamente ligado ao projeto romanesco encontrado na obra, que realçou, mais uma vez, os motivos que consagraram o escritor como um dos principais nomes da literatura contemporânea.

*Astronomia* é, antes de qualquer tipo de categorização biográfica, um romance brilhante e de muito apreço, que permitiu reascender e trazer à tona diferentes tipos de discussões que abarcam os gêneros literários existentes. No caso, aqui, a recente e não tão bem compreendida categoria das autoficções, uma vez que o autor conseguiu compor uma trama híbrida que mistura a biografia com a ficção.

Em suma, pretendemos, então, realizar uma análise dubrovskyana do romance *Astronomia*, visto que as suas principais características dialogam e exprimem os traços mais evidentes e notáveis da

literatura autoficcional, mais especificamente, das “autoficções biográficas”, além de realçar diversas discussões que são contempladas por esse amplo gênero, como a segmentação dos pactos literários, bem como também a possível hibridização entre eles, no caso específico do *pacto oximórico*, além do sério debate sobre o grau de veracidade que é destinado a um tipo de texto biográfico e outro.

### Bibliografia

- Calvão, D. (2008). *Narrativa biográfica e outras artes: reflexões sobre escrita literária e criação estética na Trilogia da mão, de Mário Cláudio*. Niterói, Brasil: Editora da Universidade Federal Fluminense.
- Cláudio, M. (2015). *Astronomia*. Alfragide, Portugal: Publicações Dom Quixote.
- Colonna, V. (2014). Tipologia da Autoficção. En J. M. G. Noronha. (Ed), *Ensaio sobre a autoficção* (pp.39-66). Belo Horizonte, Brasil: Editora UFMG.
- Dubrovsky, S. (1977) *Fils*. Paris, França: Galilée.
- Dubrovsky, S. (2014). O último eu. En: J. M. G. Noronha. (Ed), *Ensaio sobre a autoficção* (pp.111-125). Belo Horizonte, Brasil: Editora UFMG.
- Lejeune, P. (2014). Autoficções & Cia. En: J. M. G. Noronha. (Ed), *Ensaio sobre a autoficção* (pp.21-37). Belo Horizonte, Brasil: Editora UFMG.
- Lima, B. (2015). *Eu: itinerário para a autoficção*. Rio de Janeiro, Brasil: Editora 7 Letras.

Martins, A. F. (2014). *Autoficções: do conceito teórico à prática na literatura brasileira contemporânea* (Tese de Doutorado). Pontífica Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil.

Noronha, J. M. G. (Ed). (2014). *Ensaio sobre a autoficção*. Belo Horizonte Brasil: Editora UFMG.

Vilain, P. (2014). A prova do referencial. En: J. M. G. Noronha. (Ed), *Ensaio sobre a autoficção* (pp.163-179). Belo Horizonte, Brasil: Editora UFMG.

### **Financiamento**

FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) – Processo n° 2016/20236-7.

### **Agradecimentos**

À FAPESP, pela concessão de minha Bolsa de Iniciação Científica, pelo apoio institucional e financeiro.

Ao Prof. Dr. Jorge Vicente Valentim, pelo incessante trabalho de orientação, de ensino e de incentivo, pela amizade e por acreditar na minha capacidade e no meu amadurecimento profissional.

À minha família, por ser meu alicerce.

Ao Gabriel, meu companheiro de todas as horas.